

### A PRAÇA COMO ESPAÇO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS: ENTRECRUZAMENTOS DE CULTURAS ESCOLARES E CAMPESINAS

Jeruza da Rosa da Rocha<sup>1</sup>

Marta Nörnberg<sup>2</sup>

Este estudo resulta de tese de doutorado em Educação. O objetivo é problematizar as aproximações e os distanciamentos entre as práticas educativas realizadas na praça da escola e as práticas do trabalho no campo e dos fazeres domésticos locais. Para isso, analisamos trechos de um vídeo produzido no contexto de uma escola campesina. A pesquisa contou com a participação de professoras, meninas e meninos do 6º ano de uma escola municipal de Canguçu/RS, na comunidade de Nova Gonçalves, cujas atividades econômicas envolvem o cultivo de fumo, morango e soja. Os dados apresentados são oriundos da transcrição de vídeos produzidos pela turma do 6º ano sobre os espaços de sociabilidade da escola, observações em sala de aula e registros escritos de conversas da pesquisadora com as crianças.

A inspiração teórico-metodológica ancora-se em procedimentos etnográficos da pesquisa com crianças e da análise interpretativa (GRAUE & WALSH, 2003). Essas vertentes ofereceram ideias e modos de organizar procedimentos para a geração de dados, envolvendo meninos e meninas na produção de vídeos. Assumo a postura ética na pesquisa com a turma do 6º ano e tomo como referente os estudos de Natália Fernandes (2016). A estudiosa prevê a urgência de uma subjetividade que saliente os processos investigativos e não os seus produtos, distanciando-se de um conjunto de regras e técnicas adultocêntricas a ser seguido, e constituindo um processo dialógico e de negociações capaz de transcender os desafios éticos da pesquisa com a participação das crianças. Com isso, a produção de vídeos do 6º ano nos espaços de sociabilidade da escola aproxima-se do que sustenta Fernandes (2016, p. 771) ao dizer que as crianças “possuem informações importantes, que não será possível alcançar de outro modo que não seja por meio de sua voz e ações, sendo fundamental criar espaços e

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pampa/ UNIPAMPA/Professor formador externo/UAB. Endereço eletrônico: [luaia.je@gmail.com](mailto:luaia.je@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. Endereço eletrônico: [martanornberg0@gmail.com](mailto:martanornberg0@gmail.com)

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

tempos para que tal possa ocorrer”. A intenção, além da inclusão dos meninos e das meninas na construção de ferramentas metodológicas, foi a de utilizar as abordagens visuais “como uma maneira de ver o mundo pelos olhos dos participantes” e de “tomar a perspectiva dos membros em um campo de pesquisa” (BANKS, 2009, p.13). O uso dos vídeos na geração dos dados proporciona o alargamento dos significados produzidos no campo empírico e ajuda em direcionamentos, que o pesquisador eventualmente não tenha ainda considerado no desenvolvimento da pesquisa. Essa metodologia de pesquisa é capaz de dar “voz às preocupações infantis fornecendo descrições detalhadas e interpretações de como as crianças vivem sua infância” (CORSARO, 2011, p. 61-62). Nessa direção, apresento o conteúdo do vídeo produzido por uma menina na praça da escola, a qual mesclou duas estratégias: a descrição do espaço e a narração de situações que ali aconteciam com a entrevista por meio de indagações feitas aos seus colegas sobre as atividades realizadas na praça, também espaço em que atividades da disciplina Administração, Agricultura, Rural (AAR) são desenvolvidas. Dois temas relevantes decorrem das análises realizadas: 1 - os conhecimentos escolares da disciplina de AAR; 2 - os conhecimentos e práticas do cotidiano campestre.

O diálogo inicial entre as meninas e os meninos foi sobre o brinquedo que seria construído com os pneus coloridos dispostos em círculo no chão. Tal construção era decorrente de atividades realizadas na disciplina de AAR que, além de organizar e desenvolver práticas de produção agrícola na horta da escola, também realiza a preservação e a manutenção dos espaços externos da escola.

Alana, em determinada situação do vídeo, pergunta aos seus colegas: “Em que aula pintaram esses pneus?” Dienifer B diz: “Na aula de AAR pintamos esses pneus”. (Cena NA 04, linha 57-60). Andrine percebe a oportunidade de esclarecer o que seria a AAR e diz: “AAR é administração agricultura rural que a gente varre na rua, a gente planta coisas”. Alana questiona: “O que é AAR”? Dienifer B se aproxima de Alana e explica: “AAR é quando a gente sai pra fora, ‘barre’ o pátio”. Ouve-se a voz de Felipe, que complementa a resposta da colega: “A gente trabalha na horta” (Cena NA, 04, linha 64-66). Alana questiona a resposta dos colegas e diz: “Ah, então ela é uma aula física?” Dienfer B responde: “É tipo uma aula física!” Felipe complementa: “É tipo uma aula de trabalhar na lavoura”. Alana menciona outra questão: “O que tu acha que AAR significa?” (Cena NA 04, linha 67-70). Dienifer B, Éric e Felipe encontram-se ao lado

Programas organizadores



# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

de Alana, por alguns segundos permanecem em silêncio, até que Felipe diz: “Trabalhar”. Dienifer B complementa a resposta do colega e diz: “Trabalhar, ajudar a deixar a escola mais limpa”. Felipe novamente reitera sua resposta: “Ah trabalhar, pra conseguir fazer essas coisas. Trabalhar pra aprender como se faz, como não se faz” (Cena NA 04, linha 72-75).

Seguindo as questões de trabalho, manutenção e limpeza do espaço externo da escola, centrais nas práticas de AAR, outro trecho da transcrição diz:

Alana pergunta a opinião de Andrei sobre o que seria a AAR. Andrei responde: “Nós trabalhamos, a AAR ensina a trabalhar” (Cena NA 04, linha 65). Gustavo também é questionado por Alana e responde: “Capinar, rastilhar”. Dienifer M retoma a resposta do colega e diz: “AAR é capinar, varrer”. Andrine se manifesta sobre a resposta de Dienifer B e complementa: “É quando tem muita sujeira a gente tem que capinar né, pra manter a escola limpa. E a gente não deve jogar lixo para sujar a escola de novo”. Alana questiona a resposta de Andrine e indaga: “Mas é só capinar, essas coisas que vocês fazem?” Andrine retoma sua resposta e diz: “A gente capina, a gente varre, a gente planta” (Cena, NA 04, linha 45-51).

No diálogo, a turma destaca que na disciplina de AAR realizam atividades próximas às suas realidades, talvez uma extensão do que vivenciam em seus cotidianos, como o trabalho na lavoura, por exemplo. O que se observou é que as atividades realizadas envolvem tarefas voltadas para a manutenção do pátio e para o plantio na horta. Assim, a disciplina de AAR acaba desenvolvendo conhecimentos práticos do trabalho e da lida do campo já conhecidas pelas crianças.

As análises sobre esse conjunto de dados salientam acontecimentos da vida real dos meninos e das meninas do 6º ano dentro e fora da sala de aula. Trazem o contexto da vida na localidade, que garante o sustento de suas famílias, com uma relação próxima à terra, ao trabalho na lavoura do plantio até a colheita. Configuram ações que se entrelaçam com os fazeres das práticas educativas na escola, o cuidado da horta, a construção e a manutenção do espaço da futura praça.

Compreendemos que o processo educativo não se constitui em um vazio de ideias, pois é sempre planejado e organizado pela turma e pela professora. No movimento de análise, entendemos que, além das ações que organizam e desenvolvem práticas na horta e na praça, esses espaços externos à sala de aula também entrelaçam temas sobre as rotinas dos meninos

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL



# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

e das meninas com seus familiares através da agricultura. Perguntamos então: as atividades de AAR fortalecem e/ou permitem discussões sobre a agricultura local? Quais desafios da agricultura local são tematizados pela turma do 6º ano? Como sobreviver da produção agrícola na região? E o que seria a agricultura, além de manusear a terra e plantar na horta da escola, para os meninos e as meninas do 6º ano? Para pensar sobre a agricultura como elemento que organiza e sustenta a economia da região, trago um trecho da transcrição sobre os significados atribuídos pela turma do 6º ano a estas questões.

Alana: “Explica pra nós o que é agricultura”. Andrine responde: “Agricultura?” “É coisa que a gente planta assim, aí a gente... Aquilo cresce e, tipo, fumo é agricultura. Só que aqui na escola não se planta fumo né!” Alana questiona: “Explica o que é fumo?” Gustavo se aproxima, apresenta-se na imagem da câmera e diz: “Fumo é uma planta que os agricultores plantam.” Ouvem-se os risos de Mateus. Alana, não satisfeita com a resposta do colega, interrompida pelos risos de Mateus, questiona Gustavo: “Que os agricultores plantam?” Gustavo responde: “Plantam, cuidam, colhem e vendem, ganham dinheiro e ficam quase ricos!” Mateus se aproxima da câmera e com os dedos faz um gesto como se estivesse contando cédulas de dinheiro. Alana pergunta: “E comem fumo?” Gustavo responde: “Não!” Andrine novamente interage no diálogo e diz: “É... todo mundo acho que daqui plantam fumo”. Lucas apresenta-se e complementa a resposta da colega: “E soja!” Andrine concorda e diz: “É, soja!” Alana pergunta: “Faz muito tempo que plantam fumo e soja aqui?” Dienifer M responde: “Sim!” Andrine, que se encontra ao seu lado, diz: “Muito tempo.” Lucas aproxima-se da câmera e faz um gesto com a mão aberta, apresentando os cinco dedos, e diz: “Cinco anos!” Andrine busca explicar a escolha por esses dois produtos cultivados na localidade e diz: “Por causa que aqui o fumo, a agricultura né. O fumo e a soja que dão mais dinheiro” (CENA, 04, linha 21-38).

Nesse contexto discutimos os estudos de Sousa Santos (2010) para salientar a potência do conhecimento oriundo de práticas sociais vividas por meninos e meninas dessa escola e comunidade. Conforme Santos, a produção de relações sociais sempre é um movimento cultural, intercultural ou intracultural.

As pistas ofertadas pela turma do 6º ano pautam a necessidade de incorporar as experiências e as práticas de conhecimento do cotidiano campesino, bem como os possíveis problemas que a comunidade enfrenta com o plantio do fumo. A escola e a comunidade compreendem as consequências para a saúde e o meio ambiente com a produção em grande

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL



PPGE  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação



# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

escala do fumo? Preparar a terra, plantar e colher é uma prática de conhecimento que necessita dialogar com o que é científico, pensado pela escola, e com o que não é científico, pensado por esses jovens e suas famílias. Reconhecer diferentes saberes produzidos em suas realidades não exclui o conhecimento oferecido pela escola. É urgente discutir na escola as questões locais que cercam o trabalho e a lida no campo. Durante a pesquisa, o grupo do 6º ano apresenta ações que poderiam desacomodar essa lógica social e econômica produtivista e pouco ecológica que caracteriza o cultivo do fumo; porém, na fala da turma, as problematizações sobre tais aspectos na aula de AAR estão ausentes. Com isso, os conhecimentos escolares apenas reproduzem a realidade da agricultura na região. O que se observa é um movimento educativo reprodutivo, sem tensionamentos capazes de compreender e transcender as lógicas do sistema capitalista, marcado pelas ações de acumular bens e riquezas, e sem elementos para vislumbrar ou incorporar outros modos de pensar e agir no mundo.

Para pensar a escola, suas práticas educativas e os conhecimentos campestinos, os escritos de Sousa Santos (2010) sobre a “ecologia dos saberes” proporcionam a interação, o diálogo, as tensões e o enriquecimento para a produção do conhecimento. Observamos, a partir desses escritos, que os movimentos dialógicos estão ausentes nas práticas educativas, pois as práticas familiares locais não são problematizadas e tampouco as formas de cultivo do fumo são tematizadas. As ações em ambos os contextos, escolar e campestino, são postas em proximidade sem avançar e/ou aprofundar as realidades da lida do campo. Nessa direção, a disciplina de AAR apresenta seu conteúdo pedagógico próximo da realidade local, porém, dissociado de reflexões sobre os conhecimentos constitutivos das práticas campestinas praticadas por estes grupos socioculturais e, principalmente, as reinterpretações que dele fazem as crianças do 6º ano.

As indagações da menina que produz o vídeo fazem da praça da escola um espaço de diálogo sobre as práticas educativas e sobre as relações e atividades produzidas na escola. Caberia a todas as pessoas envolvidas experimentar no cotidiano escolar a capacidade de indagar e dialogar sobre a vida e as práticas campestinas para além dos fazeres manuais, discutindo as problemáticas e os desafios de ordem social, econômica e cultural envolvidos.

**Palavras-chave:** Escola. Práticas Educativas. Práticas Campestinas.

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL



PPGE  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

## REFERÊNCIAS

BANKS, Markus. **Dados visuais para a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERNANDES, Natalia. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 66 jul.-set. 2016.

GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Interpretativa com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Guibenkian, 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação